

SANT'ANNA, Alice. *Pé do Ouvido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, 62 p.

A palavra poética dita ao 'Pé do Ouvido'

Douglas Rosa da Silva¹

Há, no Brasil, uma emergente geração de poetas que tem proferido uma autêntica e eminente produção acerca das híbridas condições do ser por intermédio da escrita poética. O poema, na contemporaneidade, assumiu facetas de poema-grafite, poema-performance, poema-vídeo, entre outras e, nesta mutação rápida de fisionomia e plataforma, a poeticidade vai se mostrando cada vez mais abrangente e rica no que concerne a forma e a funcionalidade. Ainda que numa linhagem conheável, mas não menos opulenta e variada, encontra-se a poesia de autoria de Alice Sant'Anna que, inserida nesta nova geração de poetas brasileiros(as) contemporâneos(as), tem se projetado de modo sensível, inventivo e insólito na arena poética que preza e caminha pelo ineditismo e pela experimentalização.

Pé do Ouvido, obra objeto de análise desta resenha, é o terceiro livro da poeta radicada no Rio de Janeiro, Alice Sant'Anna. Em seu livro anterior, *Rabo de Baleia*, lançado em 2013, Sant'Anna já havia consolidado uma posição de relevância no cenário poético, instigando e surpreendendo não apenas leitores ávidos por poesia, mas também a crítica literária nacional. Adepta de um estilo singular de escrita e possuindo a mesma voracidade vívida que Ana Cristina Cesar - poeta que Sant'Anna expressa inteligível fascínio -, pode-se afirmar, seguramente, que a mais recente produção da autora, *Pé do Ouvido*, vem para consolidar a

¹ Mestrando em Letras, com ênfase em Estudos Literários, dentro da linha de pesquisa 'Teoria, Crítica e Comparatismo', do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLet/UFRGS). Bolsista de Mestrado do CNPq. Membro do grupo de pesquisa 'A dicção preciosa: um estudo das poéticas do presente'. E-mail: douglasrosa.per@gmail.com.

proposição de que a poesia em formação no Brasil está, de fato, promovendo significativos deslocamentos e colagens daquilo que um dia se depreendeu pertencer à tradição da formulação poética.

“A natureza híbrida da nova poesia é ainda capaz de surpreender em outras frentes” (HOLLANDA, 1998, p. 15), enuncia Heloisa Buarque de Hollanda, no texto introdutório da antologia poética publicada nos anos 90, *Esses Poetas*. Alguns anos depois, e atestando a expansiva e pertinente mudança de roupagem no âmbito poético no Brasil, deparamo-nos com o livro de um poema só de Sant’Anna. *Pé do Ouvido*, na condição de livro com apenas um único texto dividido em duas partes, é uma produção que transmuta a leveza dos dias em significativas densidades. Na orelha do livro de Sant’Anna, o jornalista e professor Paulo Roberto Pires adverte: “em duas partes assimétricas, no longo monólogo da viagem e no breve recado da volta, ela depura a dúvida”. E, no limiar da dúvida, há também uma quase certeza: *Pé do Ouvido*, obra recentíssima no domínio da poesia brasileira contemporânea, é um discurso incansavelmente frequente sobre a recorrência da observação do ser diante do novo e do velho que acometem o existente.

A brevidade do texto poético de Alice Sant’Anna - pois trata-se de um livro curto, visto que não ultrapassa suas sessenta e duas páginas - não corresponde ao extenso jogo de significados que está inerente na poética invocada ao *Pé do Ouvido*. Contrário a esta assertiva, os versos sussurram surpresas e estabelecem ineditismo à proporção que o leitor, sedento pela conclusão dos fatos, vai desvendando os imbricamentos textuais que predominam nas páginas do livro.

A partir dessa acepção, o termo imbricamento parece garantir, ainda que não predominantemente, o tom maior do livro de Sant’Anna. A presente declaração se estabelece, sobretudo, por *Pé do Ouvido* se tratar de um emaranhado de episódios que, acoplados com opiniões hipotéticas ou não, asseguram uma rede subjetiva em que a variabilidade e o movimento fazem constante presença. Para uns, o ininterrupto fluxo de consciência da prosa é similar ao que é proposto no livro de um poema só de Alice. Para outros, o desenfado com a estabilidade culmina nas imagens colocadas sempre sobrepostas, uma após a outra. Há ainda aqueles que endossam a premissa de que *Pé do Ouvido* atende a uma demanda contemporânea que não está afiliada com uma restrita causa identitária ou série literária. Diante das

possibilidades, o que se pode depreender doravante destas múltiplas, e por vezes contraditórias leituras, é que o perfil próprio da poesia de Alice Sant'Anna se articula com aspectos precedentes e intermináveis. O projeto criador da autora, portanto, exhibe-se legítimo, porque também impulsiona novos modos de ver e fazer poesia no hodierno.

Assim, e embora distante de ser um texto guiado por um único princípio totalizante, pode-se dizer que o singular poema de Alice em *Pé do Ouvido* porta uma intimidade acentuada: ao pé do ouvido, o sujeito poético vai desenhando paisagens e ocorrências que, em mútuo, formam uma colcha de retalhos em que o imprevisível predomina. Na criação poética em questão, o ritmo é célere, e forma pequenos intervalos em que o *enjambement* entre os versos é quase impercebível, considerando a sensação itinerária que a palavra poética ocasiona no leitor: “pegar o carro/para alguma montanha/de onde as copas das árvores pareçam/um mar vermelho” (p. 21).

E é este mesmo sujeito poético, instável, inquieto e presentificado em *Pé do Ouvido* que, como uma lupa, joga com os significados inscritos no factível. Com ele, o percebível torna-se musicado, ostensível. A visão do luar numa caminhada espontânea remete aos poemas japoneses: “a lua cheia parecia perto demais/a lua japonesa” (p. 44), os sapatos brilhantes são como faíscas atrativas num mundo desconhecido: “olha os sapatos, a culpa é deles/muito brilhantes/ pouco discretos” (p.36), e os fenômenos naturais são vivenciados cruamente: “ao caminhar de volta pra casa chovia/achou boa a ideia andar na chuva/sentir como é a chuva aqui” (p. 26).

As escolhas estilísticas, formais e de conteúdo de Sant'Anna estão alinhadas com a instrumentalização das poéticas contemporâneas que se proliferam, astutamente, na composição da escrita; o que faz com que *Pé do Ouvido* possua uma aura de distanciamento e de novidade daquilo que é costumeiro em um fazer poético mais clássico. Paisagens variadas, uso estratégico de vocábulos da língua inglesa e o escoamento de situações repentinas são ainda elementos elencados na produção poética. A questão da subjetividade, tão em voga nos estudos recentes de poesia, é outra característica marcante no livro, considerando que na profusão e na nebulosidade com que se apresentam, torna-se intrincado e até mesmo embaraçoso percorrer o texto sob esta angulação.

O banal é ressignificado e há o singelo pedido que suscita pela delicadeza, que explicita a poeticidade do cuidado mesmo naquilo que é conhecível, rotineiro. A essência dos encontros e desencontros é enumerada ao pé do ouvido do leitor e fica difícil resistir aos pequenos, mas grandiosos encantos propiciados pelos versos. O livro engendra uma teia textual que merece ser apreciada aos pouquinhos, pelas bordas, como se o diálogo “ao pé do ouvido” fosse “uma autoestrada que flui devagar”, mas que representa sempre “o caminho onde duas pessoas” podem colorir, pela via perceptiva, o mais cinza dos dias.

Em suma, a poesia de Alice Sant’Anna não faz pouso. É itinerária. O interlocutor pode entrar por onde quiser, desde que esteja disposto a encarar, de modo dinâmico, a experiência poética. Nisto, constata-se que *Pé do Ouvido* traz à consagração do instante, posto que tudo é passível de transcendência e dialogismo. O sujeito poético já frisa: “estou escrevendo um poema/você aparece bastante/tudo o que disser pode entrar/é um poema tagarela” (p. 34-35). Tal sujeito, gerador incansável de significados, resplandece na trama de conjuntura em que vive, o que faz com que o livro da poeta carioca seja um livro indispensável para refletir acerca dos novos caminhos da poesia brasileira contemporânea.

Pé do Ouvido faz aquilo que o crítico literário Octavio Paz pontua como a “revelação da condição humana, isto é, desse transcender-se sem cessar no qual reside precisamente a sua liberdade essencial” (PAZ, 1976, p. 57). Assim, num exercício avaliativo da obra, atesta-se que é bela a movimentação da nova geração de poetas do Brasil. E *Pé do Ouvido*, uma das últimas produções a ingressar neste bojo de preciosidades literárias, mostra-se capaz de continuar fomentando essa escrita inventiva e oscilante entre tempos, que é, ao mesmo tempo certa de seu destino - a reinvenção dos limites poéticos.

Ora, e se “o poeta é doador de sentidos” (1977, p. 141), como salienta Alfredo Bosi em *O ser e o tempo da poesia*, então Alice Sant’Anna cumpriu acertadamente esta especificidade. *Pé do Ouvido* não é apenas recomendável por seus reflexos muito bem elaborados, mas também por ser um livro que “recompõe cada vez mais arduamente o universo mágico que os novos tempos renegam” (BOSI, 1977, p. 150). É sempre válido contatar a poesia numa conjuntura em que a rigidez do pensamento e a violência da palavra fazem-se cada vez mais difusas e irrefreáveis. E, se essa poesia for dita ao *Pé do Ouvido*, então, caro interlocutor, não tenha dúvida: o poético merece, desde já, sua apreciação.

Referências

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Esses Poetas – uma antologia anos 90**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1998.

PAZ, Octavio. **Signos em mutação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

SANT'ANNA, Alice. **Rabo de Baleia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.